

ARTE HUMANA - HUMANA ARTE HUMAN ART - ART HUMAN

Schirley P. França¹²

Resumo

O texto conta parte dos percursos de uma Brincante na Cultura Popular Brasileira, atuando na Trupe Familiar Carroça de Mamulengos, na multidiversidade de Aprendizados, vivenciados nas itinerâncias pelo Brasil. Em uma escrita poética e autobiográfica relata como se realizou um sonho de Graduação em Pedagogia, pontuando a arte como um pilar fundamental para caminhos educacionais e formação de futuros Pedagogos. Propõe diálogo com a Educação Popular, educação em comunidade dando sentido à palavra influenciadora da vida, elegendo o repertório imaginário, priorizando o Brincar, no templo do mundo, na Pedagogia dos encontros na beleza do inesperado.

Palavras-chave: Arte brincante. Cultura Popular. Pedagogia dos encontros.

Abstract

The text tells part of the paths of a player in Brazilian popular culture, acting in the Carroça de Mamulengos family troupe, in the multidiversity of Learning, experienced in the iterations through Brazil. In a poetic and autobiographical writing she reports how she realized a dream of Graduation in Pedagogy, punctuating art as a fundamental pillar for educational paths and formation of future pedagogues. It proposes a dialogue with Popular and community education giving meaning to the word influencing life, electing the imaginary repertoire, prioritizing Play, in the temple of the world, in the pedagogy of the meetings and in the beauty of the unexpected.

Keywords: Art Player. Popular Culture. Pedagogies of the meeting.

¹²Artesã, Brincante, Contadora de histórias, Pedagoga Graduada pela Universidade Federal Fluminense - UFF. Orientadora do programa Mumbuca Futuro da secretaria de Ação Social da Prefeitura de Maricá, RJ. Email: schirley.pinheiro@gmail.com

“Era a vida em permanente estado de acontecências”.

Gabriela Romeu

Expansiva e concentrada fui me apresentando aos poucos. Sempre começo assim: sou Mãe de oito filhos, matriz originante da criação de uma trupe de artistas - Carroça de Mamulengos - constituindo uma família em uma itinerância de mais de 45 anos, vivenciados no Brasil, com música, circo, teatro de bonecos, e “as gentes” que fazem a vasta magistral Cultura Popular Brasileira. Oito filhos? Sim, sendo duas gravidezes de gêmeos. Quatro filhos de gravidez normal e depois dois meninos e depois duas meninas, quatro netas, noras, genros agregados, uma família numerosa dedicada à arte e vida viva e à cultura popular, permanente em toda nossa existência. Inspirando nossas criações cênicas, música e formas de existir no mundo. É no seio de nossa gente que somos abraçados e caminhamos até os dias atuais, buscando esta convivência, sempre que podemos, pelos rincões de um Brasil profundo de tradições orais, de culturas pulsantes de vida, resistência e luta.

Quanto de terra caminhei e quantos amigos encontrei. Quantas situações vivenciadas para sustentar a escolha de mambembe ser e seguir. Alfabetizei meus filhos e mostrei para eles o chão da vida, mas essa é uma história para outro dia. Fiz escola, em formação contínua: educadora.

Por isso, porque eu acho que a primeira função da educação é ensinar a ver, eu gostaria de sugerir que se criasse um novo tipo de professor, um professor que nada teria a ensinar, mas que se dedicaria a apontar para os assombros que crescem nos desvãos da banalidade cotidiana (ALVES, 2011, p. 24).

Aprendi com senhorinhas rezadeiras a fazer xaropes para enfermidades respiratórias, chás para curas de distúrbios intestinais, sucos verdes, preparações culinárias ricas das culturas de várias localidades, demonstrando para meus filhos como sobreviver da arte e nunca desistir da vida. Com o colorido dos tecidos de chita, as carcaças dos bois, os bonecos de mulungu, as cabaças, caixas, livros, idealizei um mundo utópico que ainda insiste em sonhar.

E sonhadora, Senhora, foi aos cinquenta anos que resolvi correr atrás de um sonho desejoso de realização. Foi quando fiz o ENEM. Já haviam passado quase 30 anos que não retomava os estudos convencionais, assim, em escola ou curso. Pensei comigo: agora com meus filhos crescidos, vou realizar um sonho antigo, estar no meio acadêmico. Queria o contato com a academia. Fazer Letras ou Pedagogia. Preparei-me com cuidado nas infinitas regras do nosso idioma, o Português, e também do Espanhol. Revisitei a tabela periódica de química e pouco estudei física e matemática. No grande dia das provas, cheguei cedo ao portão de uma escola pública da cidade de Nova Olinda, no sul do Ceará. Levei comigo caneta lápis e meu lanche: água, maçã e sonho de valsa. Fui a derradeira da sala a entregar o gabarito, meu coração quase saltando pela boca, finalizei o primeiro dia. Muitos jovens. Pensei: como são rápidos! Senti-me estranha. Fui novamente ao segundo dia de provas, fiz tudo como pude: das pegadinhas de interpretação aos absurdos de cálculos óbvios, das dúvidas dos certos ou errados à redação com o tema Femicídio. Vivenciei com entrega total. Superei os dois dias de testes. Segui na expectativa dos resultados. Passei.

Mas não é só passar, é ter uma pontuação que te encaixe na caixa, no sistema. Seguiram dias de tensão, pois dois de meus filhos e amigos não haviam atingido a almejada pontuação. Iniciou-se uma série de negociações para saber como viria ser a efetivação do processo de seleção. Pedi ajuda de uma sobrinha para o auxílio com os trâmites burocráticos. Comprovei que havia estudado a vida toda em escola pública, realizando uma entrada na tão sonhada academia pelas cotas. Consegui pela pontuação: Pedagogia. Na Universidade Federal Fluminense, no Rio de Janeiro. Uma Universidade Pública. Iniciei o curso em 2016 e concluí em 2020.1, como a primeira turma do ensino remoto da Pedagogia, na ação dos Ensinos Emergenciais na pandemia da Covid-19.

Quando cheguei para o acolhimento da UFF, a moça me perguntou: veio acompanhar seu filho, Dona? Eu respondi, sim! E fui me preparando para o que haveria de ver e vivenciar. A convivência com jovens recém-saídos do ensino médio. Ingressaria num curso presencial, com possibilidade de ter matérias nos três turnos. Preparei caderno, lápis, caneta e entrei de cabeça, corpo e alma. Nessa Faculdade de Educação me apresentei aos professores e fiz amizades com as/os colegas de sala. Conheci os

coordenadores, os técnicos, vigias, gente boníssima da limpeza, os trabalhadores dos quiosques de alimentação, da xerox e biblioteca. Aos poucos, formei um campo geral de visão de como funciona a tão sonhada academia pelo lado humano e também bebi de fontes inesgotáveis de conhecimentos científicos.

A partir desta narrativa, desejo testemunhar o valor da Arte como alicerce fundamental para os processos educacionais e para as formações de futuros pedagogos nas práticas de aprender-ensinar. Difundir como artista as experiências nesse campo da cultura vasto de possibilidades e desafios. Antonio Gramsci, filósofo italiano, demonstrou através de seus escritos, pensamentos de como a cultura influencia as mudanças na sociedade:

Criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas “originais”; significa também, e, sobretudo, difundir criticamente verdades já descobertas, “socializá-las” por assim dizer; e, portanto, transformá-las em base de ações vitais, em elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral (GRAMSCI, 1999, p. 96).

Na intenção de acordar os futuros formandos para práticas pedagógicas mais lúdicas, artísticas e culturais trago em meus relatos poéticos e literários as vivências na Faculdade de Educação. Ao meu ver, vivemos em um momento de extrema urgência de busca de sentido no que fazemos, busca do prazer e da alegria, da expansão dos nossos saberes e da nossa poesia, momentos de busca do nosso *sentir-se expressão*.

Venho de uma formação artística na itinerância pelo Brasil, através dos caminhos do Teatro de Bonecos, o Mamulengo, que tem o título de patrimônio da Humanidade. Um universo de expressão de uma sociedade em forma de bonecos. De um Brasil profundo, abissal. De inúmeras realidades, nas vilas vielas ruas, de cidades, com seus habitantes únicos e diversos, suas vidas e a forma de conduzi-las, com suas expressões nos diversos tipos de folguedos, artesanatos, tradições, religiões, culinárias, formas de vestir-se, comportar-se e falar. Uma imersão do universal que vivenciei no regional. Processo de vida e arte que só é possível crer se sonhar. Gravada na memória e transmitida pelo coração. Com estas imagens sigo sonhando sobre como podemos romper com os muros da academia e plantarmos a sintropia, o pensamento livre da arte, caminhando de mãos dadas com a ciência.

Outro lugar que podemos habitar além dessa terra dura: o lugar do sonho. Não o sonho comumente referenciado de quando se está cochilando ou que a gente banaliza “estou sonhando com meu próximo emprego, com o próximo carro”, mas que é uma experiência transcendental na qual o casulo do humano implode, e se abrindo para outras visões de vida não limitada. Talvez seja outra palavra para o que costumamos chamar de natureza. Não é nomeada porque só conseguimos nomear o que experimentamos. O sonho como experiência de pessoas iniciadas numa tradição para sonhar. Assim como quem vai pra uma escola aprender uma prática, um conteúdo, uma meditação, uma dança, pode ser iniciado nessa instituição para seguir, avançar num lugar do sonho (KRENAK, p. 66, 2019).

No ambiente da academia, entendi que para educar-aprender-educar tenho que estudar muito, ler muito, pesquisar muito. Referenciando-me em uma vastidão de pensadores, livros, artigos, resenhas, teses, dissertações, mas também em contos, crônicas, romances e poemas, fui convidada a fazer diferentes movimentos dos quais ainda não era habituada, a alguns estudos obrigatórios que talvez não me despertariam fora da academia, mas que ali, eu precisava ter contato para chegar onde eu desejava, no constante exercício de estudar. E estudar para quem ama, como eu, *ad eternum*. A formação no campo da pedagogia tem uma abrangência quase inimaginável para os leigos, que em inúmeras vezes, menosprezam o aprender e o ensinar; tornando, com palavras vacilantes, a nossa profissão menos importante na sociedade e com pensamentos errôneos, que disseminam a ignorância e desvalorizam a intelectualidade dos profissionais em educação. Os verdadeiros artistas são os professores no melhor sentido da excelência, pois utilizando a arte, eles conseguem dizer ao outro sobre educação, cultura, conhecimentos gerais e vida. Na Pedagogia, assim como na vida, sem o olhar artístico é impossível existir.

Nesse sentido, trago algumas experiências a partir do meu olhar enquanto discente e artista que percorre o Brasil com a Carroça de Mamulengos há mais de quarenta anos. Dos encontros significativos na graduação, não esqueço os seminários, aqueles que todos da equipe participam e que se constituem como território fértil para vivências artísticas. Esses são de um resultado sempre surpreendente, pois se todos participam podemos imaginar uma multiplicidade de ideias sobre o mesmo tema para

chegar a um resultado comum. E se incluirmos aí os voos da imaginação coletiva podemos obter um encontro entre Arte e Ciência. Experiências com música, dramaturgia, poesia, artes plásticas, teatro com bonecos ou formas animadas, contação de histórias são capazes de reencantar um conteúdo a priori desvinculados de nossas vidas. Etnomatemática, Educação de Jovens e Adultos, Educação Infantil, Educação Especial, Étnico-Raciais, Comunicação e Linguagem, Organização da Educação no Brasil foram campos férteis para essas práticas transformadas em momentos significativos e de valor subjetivo para as sensibilidades. Precisamos nos propor a ser veículos de formação dando fios a um tecer mais orgânico e flexível. Buscar autonomia dos sujeitos num processo educacional, para então romper o enrijecimento da linha dura do sistema cátedra e abrirmos mais possibilidades de participação e diálogo. Com a arte podemos ligar esses fios enriquecendo experiências educativas com participações mais democráticas.

Das inúmeras pérolas compartilhadas na academia, José Larrosa Bondía, escritor espanhol, em “Notas sobre a experiência e o saber de experiência” nos brinda:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar., parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDÍA, 2002, p. 24).

No ano de 2019 pude experienciar em momentos fortuitos encontros com a arte enquanto propostas docentes. Arte que, para mim, é a chave de um universo quase inabalável das memórias mais gratificantes dos encontros com a academia.

Como em tempos tão acelerados com ementa para cumprir e rigores acadêmicos pode-se dar o prazer de criar, utilizando da imaginação? Basta apostar na Arte como caminho. Comunicar através de colagens com múltiplos materiais coloridos, fitas, brilhos de purpurina, fios de linhas, recortes, tecidos, papel, papelão e realizar a

confeção de um caderno para anotações de próprio punho, que nas minhas experiências não se apresenta de forma original, mas que naquele momento estabeleceu um elo entre docente e discente. O que pude vivenciar após esta aula foi um processo de entrega por parte de meus colegas, como um despertar, resgatando o brilho no olhar daquelas pessoas. Como uma simples capa de caderno de elaboração artesanal pode permitir liberdade de criação e ressignificar o potencial artístico adormecido. Desse encontro, vivenciamos alguns outros compartilhando sentimentos de prazer e desejo que a partir daquele dia, nosso encontro com a Professora estaria tecido com a arte.

Em certa aula, fizemos a leitura de um texto com todos em círculo, uns no chão, outros nas cadeiras. A professora propôs através do uso de uma meada de barbante uma apresentação de cada um de nós, com a leitura do texto proposto, sendo que enquanto líamos ninguém poderia soltar o barbante. Ao final, estávamos todos emaranhados, juntos e misturados. Desse acaso surgiu de, juntos, sem nos soltarmos, ao invés de desembaraçar a linha, compormos uma instalação na parte aberta do campus. Só com um detalhe: estávamos emaranhados no terceiro andar. Resolvemos, assim em bloco, descer as escadas envolvidas nos nossos fios. Um prazer extasiante que não queríamos mais perder. Descíamos e nos fortalecíamos enquanto grupo, em um estado de estesia. Os fios foram saindo do nossos corpos, subindo e se instalando nas árvores para os estudantes mais atentos do campus apreciarem uma obra coletiva.

Irmanamo-nos na experiência de nos sentirmos parte de um todo em formação numa universidade pública que nos faz pensar que a educação é um pilar da expansão de consciência. A partir daí não fomos mais os mesmos. Propomos novas instalações, aulas ao ar livre, aulas de bordado, pôr do sol com poesia no processo de formação de professores para o livre pensar, expandindo horizontes. Essa mesma experiência pude, mais tarde, realizar com crianças de sete e oito anos, onde elas apresentavam o nome e um objeto trazido de casa escolhido sobre o sentimento de mais gostar e ter um significado. Depois, relataram que foi o momento mais marcante na experiência com os estudantes da residência pedagógica da qual fazia parte. Percebi a criança encontrando

um lugar para expressar o que está guardado na simbólica produção humana originante e criadora. Ailton Krenak nos fala de subjetividades em *Ideias para adiar o fim do mundo*:

Cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspender céu é ampliar o nosso horizonte, não o horizonte prospectivo mais o existencial. É enriquecer nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir. Se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe também uma por consumir subjetividades- as nossas subjetividades. Então vamos vivê-la com a liberdade que fomos capazes de inventar (KRENAK, 2019, p. 32).

Ainda pude encontrar alento na Faculdade de Educação nos Laboratórios de Ciências Naturais, de Brinquedos e de Informática. O que eles têm em comum? Professores sensíveis na prática da Educação. Em Ciências Naturais, pude pensar a educação infantil e as séries iniciais unidas à literatura, explorando as coleções biológicas com ‘A Bolsa Amarela’ de Lygia Bojunga, por exemplo, ou modelos didáticos de bancadas de camuflagem, reprodução de répteis, do corpo humano, ou de um jardim elaborado com flores gigantes para recepcionar visitantes com a literatura de Cecília Meireles, em ‘Leilão de Jardim’. Nos encontros no Laboratório de Brinquedos pude ouvir histórias e praticar artesanias. Participar das aulas de informática, compondo acervo cultural para os futuros discentes. Programas como o PROALE (Programa de apoio à leitura) e o FIAR (Círculo de estudos e pesquisa em Arte, Infância e Formação de professores) foram bons para assentar e alimentar a energia vital.

Mas esse alento precisa encontrar reverberações fora dos muros da universidade e como bem compartilhou Ailton Krenak: “Não têm fim do mundo mais iminente do que quando você tem um mundo do lado de lá do muro e um mundo do lado de cá, ambos tentando adivinhar o que o outro está fazendo. Isso é um abismo, isso é uma queda.” (2019, p. 62). Precisamos urgentemente de pontes para nos reconectarmos uns com os outros. Que o universo Acadêmico reencontre as valorosas inspirações que a cultura tem a oferecer e as pessoas, mestres e mestras de saberes de todos os lugares para além dos muros. Para maior leveza e fluidez, a arte pede passe livre.

Em nosso currículo, quando pensamos em estágio, podemos observar nas disciplinas de Pesquisa e Prática Pedagógica (PPP) o quanto ainda é incipiente as idas dos discentes a inúmeras escolas para em muitos casos apenas observar ou quando se limitam a auxiliar a professora regente com organização das agendas, ou na moral e disciplina da turma. Como? Será possível que em nossa conjuntura atual ainda formemos futuros (as) Pedagogos (as) para o árduo ofício da repetição? Será que na formação individual de um (a) discente não resta um grãozinho de imaginação? Ou nossos nobres professores enxergarem no quanto são urgentes propostas, projetos e práticas inovadoras, flexíveis, onde possamos ter na arte uma inimaginável e infinita possibilidade de parceria? Para falar de desafios, educadores são mestres. Quer uma missão mais desafiadora que o processo de educação em massa, lidar com classes superlotadas, salários baixos, condições precárias e sistema opressor neoliberal? Temos que enfrentar os desafios com força para não paralisar pelo medo ou opressão e sim dar asas aos desejos e convicções. Nas palavras de Vygotsky:

Se a vida ao seu redor não o coloca diante de desafios, se suas reações comuns e hereditárias estão em equilíbrio com o mundo circundante, então, não haverá qualquer base para a emergência da criação. O ser completamente adaptado ao mundo nada desejaria, não teria qualquer anseio e, é claro, nada poderia criar. Por isso, na base da criação há sempre uma inadaptação da qual surgem necessidades, anseios e desejos (VYGOTSKY, 2018, p. 42).

Podemos pensar em outras formas de retomar as concepções pedagógicas para agregar as classes populares. Temos que nos encontrar e trabalharmos juntos em busca de soluções. Juntar ideias e argumentos que transbordem pelas lacunas dos pareceres e decretos. Pelas fissuras dos concretos das salas de aula, pelas fórmulas de controle remoto. É fundamental sermos insubmissos. Não à educação bancária! Precisamos intensificar o diálogo e as exposições das ideias em contextos diferenciados e enfrentar a luta por uma Educação Popular, uma *educação dos sentidos*, educação em comunidade. Na perspectiva do diálogo entre os sujeitos, as interações se estabelecem com apropriação e como possibilidades de intervenção no mundo. Temos que construir um mundo diferente, transformar, tomar a palavra. Vivemos momentos em que

interações se estabelecem com apropriação e como possibilidades de intervenção no mundo. Temos que construir um mundo diferente, transformar, tomar a palavra. Vivemos momentos em que estamos diante do desconhecido e a compreensão está nesta fronteira, e é neste limiar que encontramos saídas nas manifestações das culturas populares, no sincretismo religioso, nas festas da colheita, nas brincadeiras de rua, na literatura, na dança, no cultivo da terra. Na auto-organização da classe trabalhadora, o caminho é a resistência. E resistir é comum à parcela da população que respira, pratica, ressignifica e pensa arte. Artistas essenciais, influenciadores da vida, e professores essenciais, educadores para a prática de liberdade. Quem tem um repertório imaginário há de criar saídas, priorizar o Brincar, no templo do Mundo, na beleza do inesperado.

Referências

ALVES, Rubem. **Educação dos sentidos e mais...** 7 ed. Campinas, S.P: Verus Editora, 2011.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. 2002. n.19. p. 20-28.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere, vol. 1. Introdução ao estudo da filosofia**. A filosofia de Benedetto Croce. Rio de Janeiro - RJ: Civilização Brasileira, 1999.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PIORSKI, Gandhi. **Brinquedos do Chão: natureza, o imaginário e o brincar**. São Paulo: Peirópolis, 2016

ROMEU, Gabriela. **Álbum de Família: aventuras, memórias e efabulações da trupe familiar Carroça de Mamulengos**. São Paulo: Petrópolis, 2019.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

Data de envio: 06/08/2020

Data de aceite: 26/10/2020.